

Periféricas e marginais: rupturas e resistências na literatura brasileira contemporânea

Cleber José de Oliveira (UFGD)¹
Patrícia Marcondes de Barros (UEL)²

*E quando acontecer a retaliação
Eu não iria estar sozinho ia ta com meus irmãos
Devotos, seguidores que só vão parar quando pichar todas as torres,
os moleques foram treinados largados mau alimentados...
O sofrimento foi frenético. E assim se tornaram terroristas e
cometeram o atentado poético*

Emerson Alcalde

Em meio ao turbulento cenário sociopolítico e cultural dos anos 1970, emerge a chamada "poesia marginal", também conhecida como "pós-tropicalista", "poesia jovem" ou "poesia do mimeógrafo", entre outras denominações que tentam classificar essa produção literária independente. O termo "marginal" se estabelece em oposição ao sistema editorial, militar, capitalista e tecnocrático, adotando meios alternativos de produção e difusão para fazer a poesia circular além dos espaços formais dos livros e da palavra escrita. Esses poetas conferiram novos sentidos à poesia nacional, ao incorporar o corpo e a performance como elementos estéticos centrais em suas obras.

Assim, eles produziram zines, panfletos, revistas alternativas, manifestos e outros materiais culturais que refletiam suas ideias, experiências e posicionamentos políticos. Esses formatos alternativos não apenas democratizaram o acesso à literatura, mas também romperam com as convenções estéticas e sociais estabelecidas, promovendo uma nova forma de engajamento artístico e social.

Ao destacar a importância do autor como produtor, Benjamin (2008) também antecipa muitas das ideias centrais do que mais tarde seria conhecido como teoria crítica e estudos culturais. Seu ensaio continua a ser amplamente estudado e debatido até hoje, influenciando significativamente o pensamento sobre o importante papel do autor na sociedade contemporânea. A ideia de "autor produtor" se relaciona de maneira significativa com a geração dos poetas marginais, com o uso de máquinas mimeógrafo para reprodução de textos

¹ Professor de literatura e cultura brasileira no PPG-Letras FALE (UFGD).

² Professora no Departamento de História na Universidade Estadual de Londrina (UEL).

e imagens permitindo uma maior autonomia na produção e circulação de materiais culturais, já que os custos eram relativamente baixos e a tecnologia era acessível.

A valorização da autonomia e da descentralização na produção cultural, aspectos centrais tanto para a teoria de Benjamin quanto para o movimento da geração mimeógrafo, desvincula o processo da escrita poética das elites intelectualizadas e das editoras que as servem, barateando o preço dos livros e desobrigando escritores e poetas fora do circuito comercial a passarem pelo crivo das grandes editoras que, geralmente, não tinham interesse neste tipo de “literatura menor”, como comumente era avaliada pelos críticos literários. Tereza Cabañas (2005), ao discutir a desconstrução dos conceitos pelos poetas marginais e a necessidade de mudanças na crítica literária para abranger essa nova expressão, defende que a falta de distinção entre arte e vida é à base da originalidade dessas poéticas, mas também causa preocupação para a crítica literária, especialmente quando se tenta prever suas possíveis consequências. Cabanas (2005) sugere que isso representa uma crise hermenêutica, um momento em que as ferramentas analíticas, interpretativas e avaliativas não conseguem captar completamente as maneiras sensíveis de uma época. Essa conjuntura revela a riqueza do momento em que elementos antes inexistentes ou “sufocados” emergem, trazendo novas exigências ao discurso crítico.

Somente após a publicação de *26 Poetas Hoje* (1975), organizado por Heloísa Buarque de Hollanda, é que a literatura marginal recebeu algum reconhecimento acadêmico e crítico. Heloísa explica a importância desse tipo de poesia na relação entre política e cultura, especialmente durante o período mais duro da ditadura militar, quando a universidade e a cultura sofreram esvaziamento devido à prisão e exílio de seus protagonistas (Hollanda; Pereira, 1982).

Oliveira (2011) argumenta que, do ponto de vista artístico, os artistas marginais desse período buscavam desafiar as normas estéticas, alinhando-se à essência do Modernismo, cuja principal meta era a busca incessante pela inovação. Inspirados pelo lema "make it new", de Ezra Pound, esses artistas compartilhavam o "fascínio pela heresia", nas palavras de Gay (2009, p. 20), estimulando ações que confrontavam as sensibilidades e sistemas convencionais.

A abertura política e a implementação do processo de redemocratização do país, após a derrocada da Ditadura Militar (1964-1985), possibilitaram o surgimento de novas vozes no cenário sociocultural e político (Napolitano, 2001, 2004). Esse processo de legitimação das vozes marginais e periféricas está em constante ebulição, na medida em que as expressões litero-cancionais que outrora foram segregadas e marginalizadas, agora reivindicam e disputam os espaços de representação e poder. Isto é, agora, são os próprios excluídos que falam de suas angústias e de seus dilemas sociais, culturais, étnicos e econômicos; e não mais sujeitos letrados e economicamente mais influentes: “Antes eram os intelectuais que



escreviam sobre a periferia [...] Agora que escrevemos sobre nós, o que os intelectuais vão fazer? Que comam brioques!” (Vaz, 2007, p.116); “Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto” (Ferréz, 2005, p.9); “Moro dentro do tema” (Ferréz, 2005, p.12); “Eu era carne agora sou a própria navalha” (Racionais MCs, 1998).

Considerando essas citações, o que se vê é que as expressões litero-cancionais trazem como diferencial os modos de ver, as vozes, as estéticas e os posicionamentos políticos daqueles que historicamente foram e ainda são excluídos dos bens da nação. A atitude de revide fica evidente: “Cala a boca, negro e pobre aqui não tem vez! Cala a boca! Cala a boca uma porra, agora a gente fala, agora a gente canta, e na moral agora a gente escreve” (Ferréz, 2005, p.9).

A atitude de confronto presente nas citações pode ser compreendida à luz do conceito de "dialética da marginalidade", formulado por Castro Rocha (2007). Trata-se de uma literatura que busca superar a desigualdade social por meio do confronto, em vez da conciliação; e pela exposição da violência, em vez de seu ocultamento. Essa abordagem se estabelece por meio da exploração metódica da violência e do enfrentamento das mazelas e injustiças sociais, com o objetivo de revelar os dilemas e as "batalhas simbólicas" que permeiam a sociedade brasileira contemporânea (Castro Rocha, 2007, p. 24). A forma de intervenção, na arena pública, proposta pelos artistas e artes periféricas é a de engendrar estratégias culturais de resistência e ressignificação ao processo de apagamento e exclusão a que foram submetidos. Compreendendo isso na corrente e pensamento de Sergio Vaz: “a periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros” (Vaz, 2007, p. 2).

Nesse sentido, a ideia de que é preciso agir na esfera pública fica evidente. Esse agir se dá pelo uso de sons e palavras em sua manifestação estética e crítica, assim promovendo efetivamente o combate às formas de dominação e exploração, sobretudo, as violências físicas e simbólicas que atravessam a vida da sua comunidade, reflexo das formas de dominação e exploração aqui aludidas.

No decorrer da discussão, percebe-se que a literatura marginal dos anos 70 desempenhou um papel crucial na contestação das normas culturais e políticas da época. Em paralelo aos letristas da MPB, essa literatura ofereceu uma voz estética de oposição à repressão e à censura durante a ditadura militar no Brasil. Já a literatura periférica contemporânea, que inclui o rap e a poesia falada no formato *Slam*, desde a reabertura democrática, continua a exercer um papel vital na articulação das vivências e das lutas sociais dos estratos marginalizados. Além de promover a experimentação artística, essa literatura



oferece uma crítica contundente às desigualdades sociais, econômicas e raciais, amplificando as vozes de indivíduos e comunidades tradicionalmente excluídos dos espaços de poder e representação. Em suma, em cada margem, a literatura se estabelece como um espaço de contestação, criatividade e afirmação, enriquecendo o panorama cultural e oferecendo novas formas de engajamento político e social.

Isso posto, apresentamos nesta segunda edição do dossiê temático Literaturas Marginais e Periféricas da revista Boitata uma análise de obras literárias e poéticas que emergem de contextos periféricos e de resistência. Nosso objetivo é criar um espaço para debates críticos que desafiem as hegemonias culturais, sociais e linguísticas, destacando as múltiplas vozes marginalizadas que, através da literatura e da poesia, conquistam seu lugar de fala e expressão.

Com efeito, os artigos aqui reunidos abordam questões que vão desde a resistência política e cultural dos surdos no contexto do *slam* de poesia até a representação da mulher negra na literatura marginal, passando por reflexões sobre os desafios enfrentados por escritores como Lima Barreto e Ferréz na conquista de espaços importantes na literatura e na história literária. Esta edição amplia os horizontes da produção literária brasileira, questionando o cânone e destacando a força da produção periférica.

No que tange ao tema *Slam* e performatividade, apresentamos o trabalho “Forças Verboideológicas e o *Slam* do Corpo: A Resistência do Surdo” de Emiliana Oliveira de Lima e o artigo “A Marginalidade do *Slam* e o Projeto de Decolonização do Pensamento” de Érica Alessandra Paiva Rosa, ambos explorando como o *slam* se torna um instrumento de resistência cultural e política. Essas produções destacam, respectivamente, a luta pela inclusão de sujeitos historicamente marginalizados, como os surdos, e o potencial do *slam* para questionar e desconstruir pensamentos coloniais, oferecendo uma nova perspectiva de emancipação e contestação social. Também é abordada a importância do *slam* como prática de letramento crítico no artigo “Abram Alas que Ela Quer Passar: O Uso da Poesia *Slam* como Prática de Letramento Crítico e Literário”, de Aleph Danilo Silva Feitosa, Maria Alcione dos Santos, Flávia Colen Meniconi e Silvio Nunes da Silva Júnior.

A Literatura Marginal ocupa um espaço relevante com contribuições que investigam as vozes silenciadas no processo educacional, como o artigo de Eliane da Silva, intitulado “Literatura Marginal: As Vozes Silenciadas e a Expressão da Resistência para uma Educação Crítico-Reflexiva”. Além disso, essa temática se expande para a análise da trajetória editorial baiana e do impacto das editoras independentes na democratização do acesso literário, discutida no artigo “A Bahia na Periferia do Mundo: Reflexões sobre o Mercado Editorial Baiano” de Emanuelle da Silva Evangelista e Luciana Sacramento Moreno Gonçalves. Outro destaque é o estudo comparativo realizado no artigo “Lima Barreto e Ferréz: Resistência



Através da Literatura” de Hélia da Silva Alves Cardoso, que discute como esses dois autores expressam, através da ficção, as dificuldades e resistências das classes marginalizadas.

O artigo “Literatura Marginal: A Face da Mãe Preta e a Impossibilidade da Maternidade em Ponciá Vicêncio”, de Gabrielli Almeida da Silva Peron, Aline Santos Conceição e Geniane Diamante F. Ferreira, traz à tona a discussão sobre a figura da mãe preta em *Ponciá Vicêncio*. Enquanto isso, em “A Desintegração da Mulher Negra em *Um Defeito de Cor*”, de Luzia Kely de Souza e Olga Beatriz Saraiva Silva, mergulha-se no processo de desintegração histórica da mulher negra na referida obra.

Ainda nesta edição, João Paulo Fernandes aborda o lugar periférico na obra de Criolo e Sérgio Vaz em “Crônicas do Barro e Contornos do Lugar Periférico em Criolo e Sérgio Vaz”, e Antônio Cláudio da Silva Neto e João Carlos Felix refletem sobre a poética dos viajantes de estrada, que rompem com estereótipos e reconfiguram o conceito de liberdade em “Cartografias das Poéticas Espaciais em *Pedra de Maluco*”.

Ademais, visando ampliar e aprofundar o debate público e acadêmico sobre a expressão poética “Slam” (que tem agitado escolas, ruas e praças), esta segunda edição conta também com uma entrevista com o *slammaster*, professor e agitador cultural Emerson Alcalde, intitulada “*Slam’s*, a Poesia das Ruas”. Nesta, o entrevistado aborda seus “corres” na produção literária e no ativismo cultural periférico.

Assim, convidamos os leitores a explorarem os diferentes artigos e a refletirem sobre a literatura e a poesia como veículos de resistência, identidade e luta. Cada texto desta edição contribui para a ampliação do diálogo sobre as produções culturais de coletivos de sujeitos sócio-históricos subalternizados, evidenciando suas histórias, vozes, criatividade e resistências.

Boa leitura!

Referências

BENJAMIN, Walter. O Autor como Produtor. *In*: Benjamin, W. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2008. p. 121-152.

CABAÑAS, Teresa. A poesia marginal brasileira uma experiência da diferença. **Artifara**. Revista de lenguas y literaturas ibéricas y latino-americanas. Departamento di Scienze Letterarie e Filologiche. No 5, 2005.



CASTRO ROCHA, J. C. A guerra de relatos no Brasil contemporâneo: Ou: a“dialética da marginalidade”. **Letras**, Santa Maria, n. 32, p. 23-70, 2007. DOI: <https://doi.org/10.5902/2176148511909>

FERRÉZ. Terrorismo Literário. *In*: FERRÉZ (Org.). **Literatura marginal**: talentos da escrita periférica. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

GAY, Peter. **Modernismo, o fascínio da heresia**: de Baudelaire a Beckett e mais um pouco. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HOLLANDA, Heloísa Buarque, PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **Poesia Jovem Anos 70**. São Paulo: Abril Educação, 1982. Colaboração Lula Buarque de Hollanda, consultoria Leila Miccolis e Maria Amélia Melo.

NAPOLITANO, M. **Seguindo a canção**: engajamento político e indústria cultural na MPB (1959/69). São Paulo: Nablume: Fapesp, 2001.

NAPOLITANO, M. MPB sob suspeita: a cena musical vista sob a ótica dos serviços de vigilância política. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.24, n.47, p.103-26, jan./jul. 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882004000100005>.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. **Literatura marginal**: questionamentos à teoria literária, Juiz de Fora, v.15, n. 2, p. 31-39, jul./dez. 2011.

RACIONAIS MCs. **Sobrevivendo no Inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

VAZ, S. **Colecionador de Pedras**. São Paulo: Literatura Periférica, 2007.

